Ministério da Cultura
Governo do Estado do Paraná
Secretaria da Cultura
Museu Oscar Niemeyer
apresentam

MON.

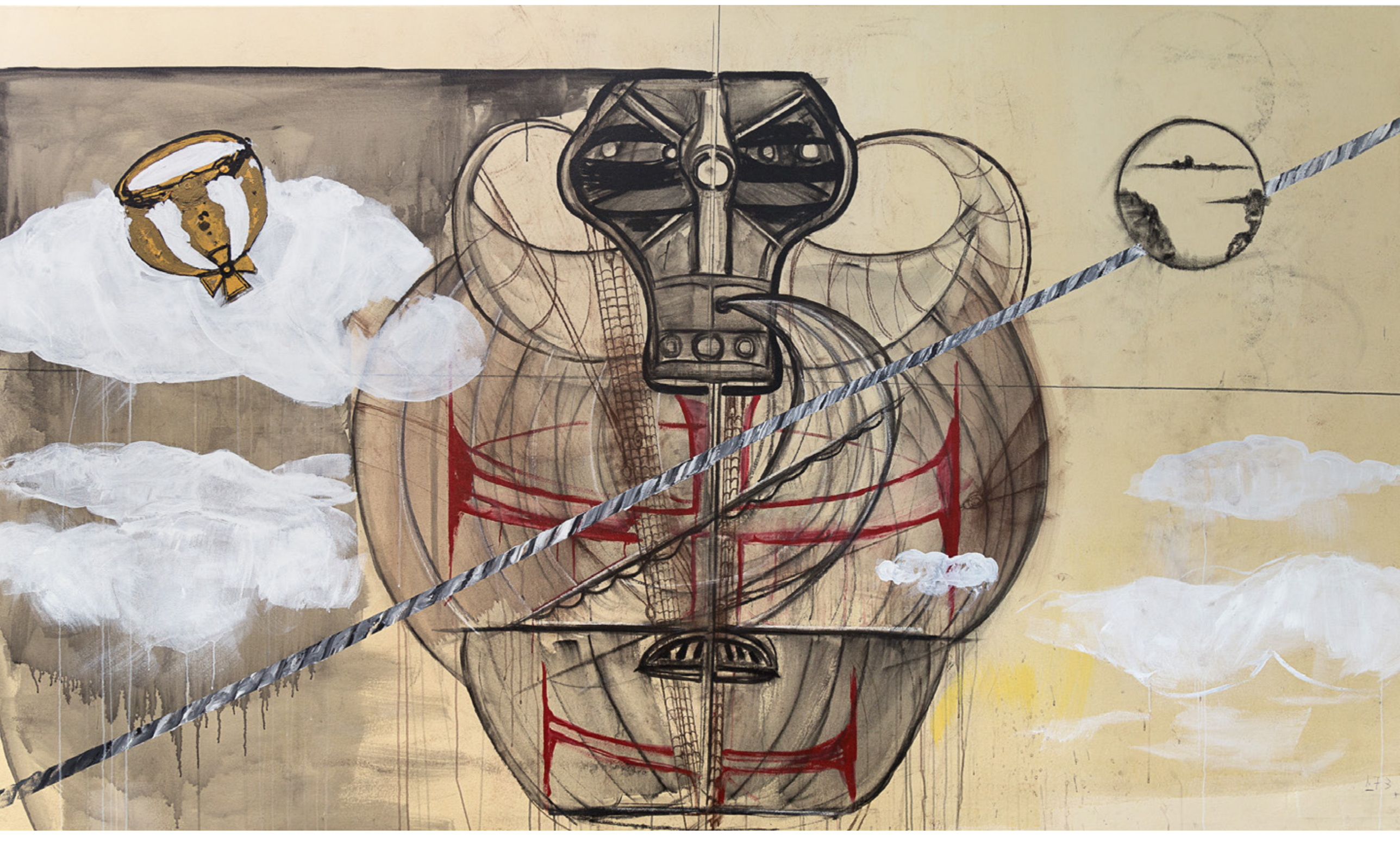
África

Diálogos com o contemporâneo

A realização da mostra “África, Expressões Artísticas de um Continente”, inaugurada em 2021, foi a consolidação de um longo e criterioso processo que culminou com a chegada de uma das mais importantes e significativas coleções de arte africana ao Museu Oscar Niemeyer (MON).

Agora a exposição se renova com a proposta de estabelecer um instigante diálogo com obras contemporâneas. Comprovando a força da interlocução com a arte africana, Fernando Velázquez, Paulo Nenflídio, Rosana Paulino, Arjan Martins, Julio Vilani e Paulo Nimer Pjota apresentam aqui seus trabalhos ao lado do conjunto de obras que pertencem ao acervo do MON.

O Museu, como instrumento vivo de valorização e democratização da cultura, traz até o seu visitante este importante diálogo entre a arte africana tradicional e a sua transversalidade, que ganha cada vez mais espaço no contemporâneo.



Se ao longo da história artistas como Picasso, Matisse e Braque se inspiraram esteticamente naquele continente para recriar conceitos artísticos ocidentais, tal influência se mantém e se renova.

Hoje falamos de artistas que investigam a inteligência artificial, por exemplo, e nos trazem aqui obras produzidas por um algoritmo, a partir da análise de múltiplas imagens de arte africana. Ou da tecnologia eletrônica que nos permite participar dos sons da floresta emitidos pela interessante comunicação entre os circuitos digitais de esculturas.

ARJAN MARTINS | Etcetera, 2016 | Acrílica sobre tela | 195 x 300 cm
Cortesia: o artista e A Gentil Carioca

O resultado é um conjunto surpreendente. O cruzamento da milenar inspiração do fazer artístico que vem do continente africano com a mais sofisticada e atual tecnologia que chega ao universo das artes está apresentado nesta nova roupagem da exposição.

Entendemos que um museu existe a partir do seu acervo, mas é da interação entre o público e suas obras que são disseminados cultura e conhecimento, bens que nos fazem mais humanos. Temos a certeza de que a grandiosa coleção de arte africana será sempre fonte de experiências instigantes e engrandecedoras.

Juliana Vellozo Almeida Vosnika
Diretora-presidente
Museu Oscar Niemeyer





JULIO VILANI | Barbudo I | 2013 | Objetos garimpados, folha de alumínio | 31 x 20 x 17 cm | Campeur (Acampador), 2013 | Objetos garimpados, arame 19 x 13 x 10 cm | Coleção do artista

De onde vem a cultura europeia? Veio da Grécia, nos responderão. Então, vem a próxima pergunta: de onde veio a cultura grega? A resposta passa pela África, seja nos textos de Platão que elogiam a arte egípcia, na formação de Santo Agostinho na Tunísia, ou nos elementos islâmicos africanos que constituem a cultura da Península Ibérica. Depois de permanecer alguns séculos silenciada, a cultura africana voltou a influenciar a arte e o imaginário europeus a partir do século XIX, ainda que envolvida nas brumas do exótico na pintura do romantismo francês. No início do século XX, o encontro de

Henri Matisse com as esculturas do povo vili do Congo e as visitas de Pablo Picasso à seção de arte africana do Museu do Homem, em Paris, definiram os caminhos da vanguarda europeia.

Assim, considerando que a cultura brasileira tem ancestrais africanos tanto do lado que veio da Europa quanto do lado que veio diretamente da África, a exposição "África: Diálogos com o Contemporâneo" coloca em contato as peças da coleção de arte africana do MON – doação da Coleção Ivani e Jorge Yunes – com obras produzidas por seis artistas brasileiros que evidenciam o cerne miscigenado da cultura ocidental.

As obras de Fernando Velázquez foram produzidas por um algoritmo que examinou centenas de imagens de máscaras africanas e de esculturas gregas para gerar uma imagem de uma nova máscara e de uma nova escultura, posteriormente expandidas para a terceira dimensão e modeladas por uma impressora 3D. Essas novas peças ao mesmo tempo se parecem e são totalmente distintas do que usualmente reconhecemos como grego ou como africano. Isso ocorre porque o artista

usou um banco de imagens contendo ruídos, ou seja, fotografias que mostravam também o ambiente em que as máscaras africanas e esculturas gregas estavam. Como se simulasse a indeterminação dos encontros culturais e a riqueza do choque com a alteridade, o resultado do processo de machine learning chegou ao novo por eliminar o viés da pureza de dados.



ROSANA PAULINO | Geometria à Brasileira Chega ao Paraíso Tropical, 2018
Impressão digital, colagem e monotipia sobre papel | 48 x33 cm | Coleção do artista

Fluente nos mistérios da tecnologia eletrônica, Paulo Nenflídio apresenta uma – escultura ou robô? – cigarra metálica que se comunica com sete outras pequenas cigarras por ondas de rádio. De hora em hora todas cantam em uníssono os sons das florestas. A comunicação entre os circuitos digitais das peças de Nenflídio é metáfora para a comunicação entre dois veios epistemológicos que nos constituem, mas que insistimos em acreditar que possam ficar apartados, um deles focado no positivismo tecnológico, o outro em sintonia com florestas, montanhas e rios. Como se duas cosmovisões cantassem juntas, a obra de Nenflídio propõe o som da integração.

Rosana Paulino há décadas investiga a imagem dos africanos e de seus descendentes no Brasil, e envia para o diálogo entre a arte contemporânea e a coleção de obras africanas do MON um trabalho da série "Geometria à Brasileira chega ao Paraíso Tropical". Nessa série, Paulino questiona a preponderância da abstração geométrica das vertentes construtivistas na história da arte brasileira, identificando-a a estratégias de desvio dos assuntos mais traumáticos

da nossa sociedade. Para tanto, a artista une retângulos coloridos característicos do concretismo brasileiro a fotografias de pessoas pretas feitas em estúdios no Brasil imperial, que distribuíam essas imagens a viajantes europeus. As formas geométricas cobrem os rostos das pessoas fotografadas, apagando suas identidades. No rodapé da composição, o nome científico de uma orquídea corrobora a violência da fotografia que iguala pessoas a outros elementos exóticos da paisagem brasileira.

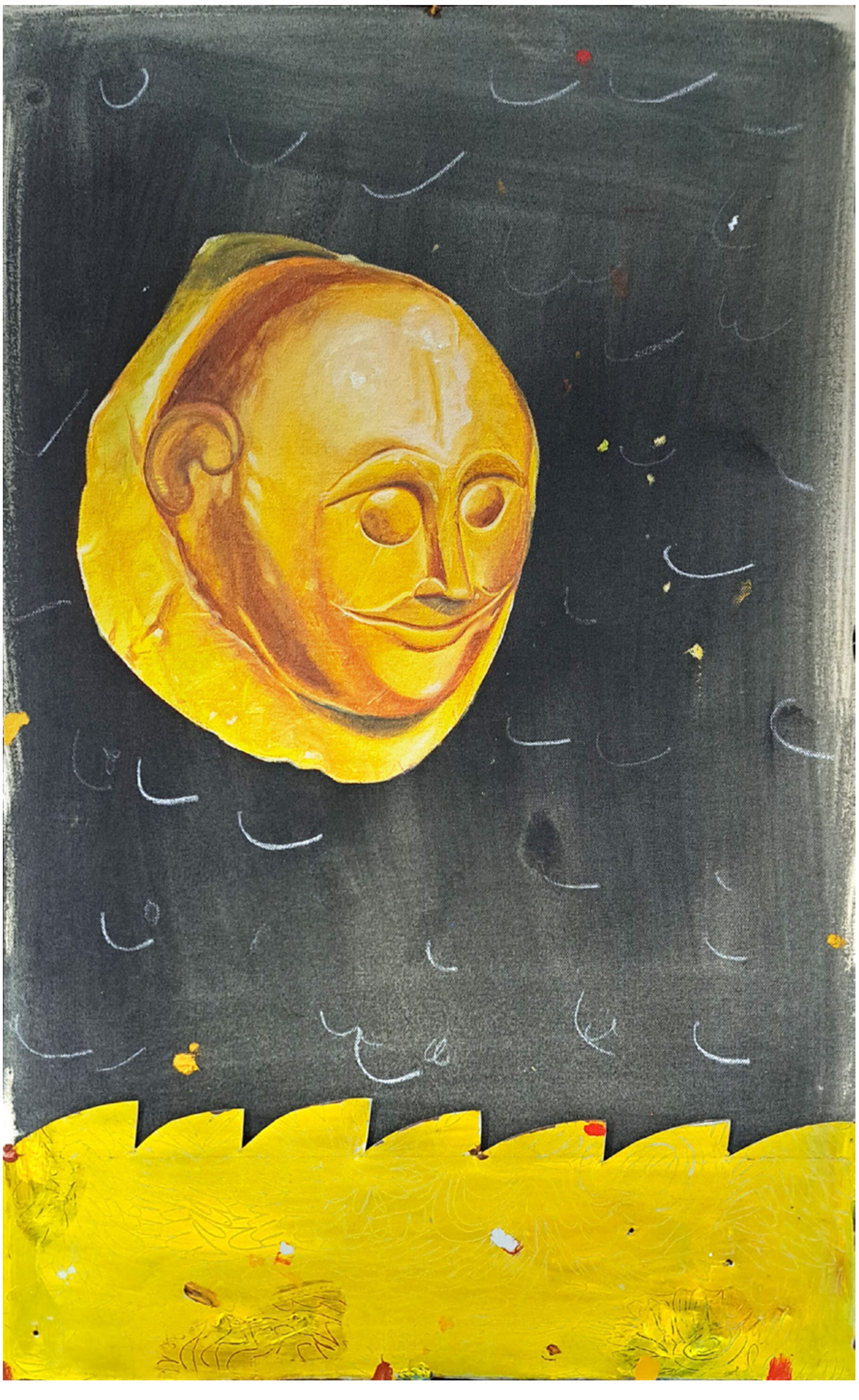
PAULO NENFLÍDIO | Cigarra Mestre + 7 Ninfas Solares, 2011 | Latão, alpaca, circuitos eletrônicos, células solares | 22 x 38 x 42 cm | Coleção Andrea e José Olympio Pereira



A grande tela de Arjan Martins inclui referências iconográficas marcantes na obra do artista carioca: a caravela portuguesa, coroas, cabos tensionados pelo vento nas velas, escotilhas, um detalhe do mapa da África, o Oceano Atlântico. Na pintura "Etcetera", de 2016, a estrutura do navio forma uma máscara que parece encarar o espectador, assim como a pintura de Arjan Martins encara o poder colonial e suas consequências na sociedade brasileira. Na expografia do MON, essa máscara encontra nas peças africanas interlocutores e força vital para o descobrimento de uma história do Brasil antirracista.

Trabalhando em Paris, Julio Vilani constrói peças lúdicas com objetos cotidianos, dialogando tanto com a criatividade das máscaras africanas quanto com a recepção da arte africana feita pela vanguarda modernista europeia. Assim, pinturas que fazem referências a Pablo Picasso e Max Ernst alinham-se a composições pictóricas inspiradas em esculturas africanas. Na pintura "De Nattiers a meus Dias", Vilani une reproduções das pinturas de Jean-Marc Nattier, do século XVIII, a uma trama

de rostos definidos por linhas que são a antítese da arte acadêmica francesa. A leveza e o dinamismo desses retratos rabiscados definem a autonomia que a arte africana propiciou aos artistas a partir do século XX, afastando a arte da mímese e abrindo caminhos para as máquinas imaginárias das outras duas grandes telas de Vilani, que interligam



PAULO NIMER "Pjota" | Máscara Mortuária de Ouro, 2022 | Acrílica sobre tela e chapa de alumínio | 73 x 46 cm | Cortesia: Galeria Mendes Wood DM

figuras geométricas e palavras em uma totalidade antropomórfica. São máquinas de pensamento e de liberdade artística.

Como um arqueólogo do presente, Paulo Nimer Pjota encontra nas ruas fragmentos culturais do que somos e desenterra do imaginário coletivo máscaras, pedras, vasos, motivos decorativos. As máscaras parecem gregas, mas as proporções são tão livres quanto as das máscaras africanas. Os adornos nas telas remetem a vários tempos e geografias, mas mantêm o caráter da criação coletiva, daquilo que surge espontaneamente nas ruas, seja de uma metrópole, seja de uma pequena vila. O próprio suporte das pinturas traz a força dos deslocamentos: lonas e chapas de metal que já tiveram outros usos recebem as camadas de tinta e decalques. As obras de Pjota transformam-se então em um local de encontro de tantas referências culturais que se expandem para o espaço, como em "Cemitério de Joias", de 2018, com os misteriosos objetos de cerâmica aos pés da tela, na qual as máscaras reagem com susto, prazer ou indiferença ao simples fato de que somos tudo isso ao mesmo tempo.

Por negação ou clara aderência, a cultura africana embasa a produção artística europeia. Na mescla aqui proposta de peças africanas e obras brasileiras contemporâneas, evidencia-se o cerne miscigenado da cultura ocidental e a indiscutível presença da África na arte, na espiritualidade e nos esforços contemporâneos de estabelecimento de uma relação mais saudável entre os povos e com a Terra.

Paula Braga e Renato Araújo
Curadores

África
Diálogos com o contemporâneo

SALA 4
ATÉ 15 OUTUBRO

Capa (detalhe): Fernando Velázquez | Górgona #3 Série: Rituais da Complexidade, 2021 | Escultura 30 x 20 x 8 cm | Coleção do artista

LEI DE INCENTIVO À CULTURA

Patrocínio **Platinum**

COPEL Pura Energia

VOLVO

Patrocínio **Ouro**

SANEPAR

vivo

GRUPO BARIGÜI

Patrocínio **Prata**

ANACONDA FARINHA DE TRIGO

EMS

Apoio

COMPAGAS GásNatural

ITAMBÉ

banco bari.

FOCUS FOCUS TECNOLOGIA DE PLÁSTICOS S/A

ANDALI S/A

Realização

Museu Oscar Niemeyer

PARANÁ GOVERNO DO ESTADO SECRETARIA DA CULTURA

MINISTÉRIO DA CULTURA

GOVERNO FEDERAL BRASIL UNIÃO E RECONSTRUÇÃO

Museu
Oscar
Niemeyer

Clique para acessar:

Museu Oscar Niemeyer

Terça a domingo, 10h às 18h
Venda de ingressos até as 17h30.
Venda de ingresso online: museuoscarniemeyer.org.br
Entrada franca para maiores de 60 e menores de 12 anos.

Rua Marechal Hermes, 999
Centro Cívico · Curitiba · PR
Tel.: 41 3350 4400